

Análise crítica do gênero reportagem: contribuições para o ensino de língua portuguesa

Mestranda Amanda Oliveira Rechetnicou (UEG)ⁱ
Prof. Dr. Sostenes Lima (UEG)ⁱⁱ

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo discutir o uso da análise crítica do gênero reportagem como instrumento didático para as práticas de leitura e análise linguística em aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio. A discussão está fundamentalmente situada no campo da Análise Crítica de Gêneros (ACG), Análise do Discurso Crítica (ADC) e Análise Sociorretórica de Gêneros (ASG). O estudo é feito a partir da análise de três reportagens – uma de cada uma das revistas: CartaCapital, Época e Veja –, seguida de uma discussão sobre as implicações para as práticas didáticas. O uso didático de gêneros textuais com base na perspectiva crítica oportuniza um ensino condizente com as práticas sociais dos alunos e a compreensão do funcionamento das relações sociais em contextos sociodiscursivos específicos. Nesse sentido, o uso de gêneros jornalísticos constitui uma importante estratégia para as práticas didáticas, já que o discurso jornalístico é um dos principais constituintes da vida social. A análise crítica de variados gêneros, em especial o gênero reportagem, fornece subsídios teórico-metodológicos importantes para as práticas de análise linguística e leitura crítica, visto que pode proporcionar a) a compreensão dos mecanismos textuais e linguísticos que estruturam o gênero; b) a interpretação crítica de aspectos discursivos; c) a compreensão do modo como o gênero reportagem constitui discursivamente não somente a revista semanal de informação, mas também as práticas sociais do domínio discursivo jornalístico; d) a compreensão dos propósitos sociodiscursivos que orientam o uso do gênero; e e) o engajamento dos alunos em processos sociais e discursivos efetivos.

Palavras-chave: Análise Crítica de Gêneros, gênero reportagem, ensino, Língua Portuguesa.

APOIO FINANCEIRO: Programa de Auxílio Eventos (Pró-Eventos) – Universidade Estadual de Goiás (UEG). Edital interno PrP 008/2014.

1 Introdução

O discurso jornalístico pode ser considerado um dos principais constituintes da vida social. Os gêneros jornalísticos, por sua vez, figuram como importantes formas de ação social que legitimam esse domínio discursivo, pois discursos são legitimados em gêneros (RAMALHO, RESENDE, 2011). Nesse sentido, o uso didático desses gêneros pode se constituir como uma estratégia significativa para práticas didáticas efetivas na educação linguística.

Neste trabalho, buscamos discutir o uso da análise crítica do gênero reportagem como instrumento didático para as práticas de leitura e análise linguística em aulas de língua portuguesa. Com isso, o trabalho objetiva apontar as contribuições de uma perspectiva discursiva crítica de gêneros no ensino. Para isso, iniciaremos apresentando o percurso teórico que constitui o trabalho. Em seguida, partiremos para a análise do gênero reportagem e uma discussão a respeito de suas implicações nas práticas didáticas de leitura e análise linguística.

2 Análise Crítica de Gêneros: perspectivas teóricas

As abordagens mais recentes de análise de gêneros estão cada vez mais voltadas para a concepção de discurso e linguagem como prática social. Nesse contexto, a Análise Crítica de Gêneros (ACG) se constitui como uma proposta teórico-metodológica que propõe “analisar gêneros como práticas discursivas socialmente situadas, cujos participantes atualizam identidades e relações sociais nos textos que são produzidos, distribuídos e consumidos em atividades específicas da vida social” (MOTTA-ROTH; MARCUZZO, 2010, p. 520). Mais especificamente, a “Análise Crítica de Gêneros discursivos (doravante ACG) constitui-se em uma junção da tradição sociorretórica – notadamente o trabalho de Swales (1990) – com a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough” (BONINI, 2012, p. 2).

A perspectiva sociorretórica (MILLER, 2009; BAZERMAN, 2006; SWALES, 1990) propõe o conceito de gêneros como formas de ação social, num complexo sistema de atividades. O gênero é visto em termos de ações retóricas tipificadas orientadas por propósitos comunicativos que se manifestam em um contexto sociodiscursivo situado que, por sua vez, propicia o funcionamento do gênero. Nesse mesmo contexto, Swales (1990) propõe a constituição do gênero a partir de um conjunto de movimentos retóricos. Esses movimentos constituem ações discursivas orientadas por propósitos específicos que formam a organização retórica e os movimentos de sentido presentes no gênero (LIMA, 2013).

Na perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC), Fairclough (2003) analisa o discurso sob três formas: *discurso* como modo de representação; *gênero* como modo de ação/relação; e *estilo* como modo de identificação. Os gêneros são associados aos modos de (inter)agir discursivamente e, por meio de sua análise, é possível relacionar aspectos discursivos a práticas sociais. Gêneros são modos particulares de ação e relação que podem servir para legitimar discursos ideológicos, conduzir maneiras particulares de representar práticas e influenciar modos de identificação (RAMALHO; RESENDE, 2011).

A ACG propõe analisar a “relação entre gêneros específicos e práticas sociais particulares, em termo do funcionamento dos gêneros nas práticas” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 67) para compreender o modo como o gênero está encaixado nos processos de representação da realidade, de construção das relações sociais, da constituição, reforço e reconstituição das identidades sociais (LIMA, 2013). Além disso, as concepções da ASG permitem à ACG refinar suas ferramentas teórico-analíticas, propiciando a investigação do modo como certas atividades sociorretóricas recorrentes são usadas para constituir formas de agir (modos de ação social). Isso permite a compreensão de como gêneros constituem sociorretórica e discursivamente atividades específicas ligadas a práticas particulares.

3 ACG nas aulas de Língua Portuguesa: algumas reflexões

Propomos aqui uma discussão a respeito do uso didático do gênero reportagem como instrumento para as práticas didáticas de leitura e análise linguística com o objetivo de apresentar as potencialidades de uma perspectiva discursiva crítica na educação linguística. Para isso, apresentaremos uma breve análise de reportagens das revistas semanais de informação *CartaCapital*, *Época* e *Veja*, correspondentes a um mesmo período de circulação. Uma discussão a respeito das implicações do uso didático do gênero reportagem seguirá a análise. A amostra é composta das seguintes edições:

Carta Capital, n. 798, 07 de maio de 2014. Capa: “A misteriosa morte do torturador”

Época, n. 831, 05 de maio de 2014. Capa: “Dilma vai à guerra”

Veja, n. 2372, 05 de maio de 2014. Capa: “Aqui, ó!”

O gênero reportagem pode ser um importante instrumento didático para promover leitura e

análise crítica, em especial no ensino médio. Por desempenhar papel fundamental na constituição do discurso jornalístico, o gênero e sua análise podem contribuir para os seguintes objetivos, discutidos neste trabalho: a) compreensão dos mecanismos textuais e linguísticos que o estruturam; b) interpretação crítica de aspectos discursivos; c) compreensão dos propósitos sociodiscursivos que orientam o uso do gênero; d) compreensão do modo como o gênero constitui discursivamente não somente a revista semanal de informação, mas também as práticas sociais; e e) o engajamento dos alunos em processos sociais e discursivos efetivos.

Com o objetivo de levar os alunos à compreensão de mecanismos textuais e linguísticos que estruturam o gênero reportagem, as práticas didáticas podem abarcar a análise específica de reportagens em diferentes revistas. Nesse contexto, é possível trabalhar com a intertextualidade, a metáfora e seus efeitos de sentido na constituição de reportagens. Essa análise fará com que os alunos compreendam os recursos linguísticos usados na construção das narrativas jornalísticas e como desempenham papel fundamental nos propósitos sociodiscursivos da revista semanal de informação de modo geral.

A intertextualidade diz respeito à maneira como “gêneros específicos articulam vozes de maneiras específicas” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 133). Ao ler e analisar as vozes que são articuladas na reportagem, os alunos poderão compreender no que consiste a intertextualidade e como está relacionada ao posicionamento político das revistas. Na reportagem “Este cenário ameaça os tucanos”, de *CartaCapital* (Cf. Figura 1), é possível analisar o papel da intertextualidade na constituição do discurso sustentado pela revista.

Figura 1: Reportagem da revista *CartaCapital*



Fonte: *CartaCapital*, n. 789, p. 30-32

As vozes articuladas na reportagem em questão tem duas funções: ressaltar a crise no sistema de abastecimento de água no estado de São Paulo (SP) e ressaltar elementos contraditórios. O trecho (1) exemplifica como a reportagem legítima a ideia da crise de abastecimento de água em SP, por meio de uma voz especialista que confere credibilidade ao discurso que está sendo representado:

(1) O engenheiro de recursos hídricos Marco Palermo, da Universidade de São Paulo, disse que há duas décadas estudos apontam o colapso do Sistema Cantareira e o risco de um rodízio permanente de água, por ausência de investimentos.

As vozes de membros do partido político PSDB aparecem contradizendo o problema, mas essas vozes só são mencionadas no final da reportagem. Assim, as vozes não ganham credibilidade, mas são de certa forma ridicularizadas, já que a reportagem defendeu a ideia da existência da crise em questão durante toda a narrativa. Esse efeito pode ser observado no trecho (2):

(2) Para o presidente do PSDB paulista, deputado federal Duarte Nogueira, o tema “água” não terá impacto decisivo na campanha. O risco de racionamento, diz, inexistente, pois logo a Sabesp botará em operação as bombas que captarão água do “volume morto”.

O mesmo pode ser analisado na revista *Veja*, na reportagem “Retocando o passado” (Cf. Figura 2). Nela, a intertextualidade também se constitui como um importante elemento discursivo em favor do posicionamento político defendido pela revista.

Figura 2: Reportagem da revista *Veja*



Fonte: *Veja*, n. 2372, p. 68-69

Nessa reportagem, as conexões intertextuais são usadas mais explicitamente para ridicularizar os sujeitos sociais representados. O efeito de contradição aqui aparece para que os próprios sujeitos se contestem – efeito de sentido que tem por finalidade levar o leitor a não dar crédito a esses vozes:

(3) Absolvido em definitivo no Supremo Tribunal Federal das traficâncias de que era acusado (...) Fernando Collor, hoje senador pelo PTB, disse que a decisão “veio me aliviar as angústias que tenho vivenciado nos últimos 23 anos” e fez uma indagação cim aquele mesmo tom triunfal que usava antes de ser enxotado do

Palácio do Planalto: “Quem poderá me devolver tudo aquilo que perdi, a começar pelo meu mandato presidencial?”

(4) O ex-presidente Lula deu uma entrevista dizendo três enormidades. (...) Disse que os petistas condenados e presos na penitenciária da Papuda, entre os quais se encontraram José Dirceu e José Genoíno (...) “não são gente da minha confiança.” (...) Lula tem o direito de criticar o julgamento do STF, mas é uma enganação torpe afirmar que os presos da Papuda não eram gente de sua confiança – José Dirceu era, nas suas palavras, o “capitão do time”, lembra?

Ao fazer a análise do uso e do papel da intertextualidade na constituição discursiva das reportagens, os alunos não só passarão a compreender esse conceito, quanto poderão desenvolver uma leitura crítica do gênero reportagem e de outros gêneros desse mesmo domínio discursivo. A análise da intertextualidade permite compreender que “quando se relata o discurso, necessariamente se escolhe representá-lo de um modo em vez de outro” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 153). Por isso, a representação do discurso tem papel fundamental na constituição do gênero que, por sua vez, legitima relações de poder em favor de projetos de manipulação e dominação.

A metáfora, um componente discursivo usado em ambas as reportagens, também ajuda a causar efeitos de sentido/ideológicos em favor dos posicionamentos defendidos pelas revistas. Segundo Lakoff e Johnson (2002), uma metáfora é uma maneira convencional de conceituar um domínio de experiência em termos de outro. Na reportagem de *CartaCapital*, o título “Este cenário ameaça os tucanos” em referência à fotografia remete à palco, atuação. Esse efeito de sentido ajuda na construção da narrativa que argumenta sobre a má “atuação” de candidatos do PSDB e que, por causa desse cenário, de má atuação a escândalos, há possibilidade de derrota do partido em questão nas eleições de 2014.

Na reportagem de *Veja*, o título “Retocando o passado” remete à ideia de maquiagem e isso se comprova com o subtítulo que diz: “(...) dois ex-presidentes empenhados em manipular a história de modo a jogar uma sombra sobre suas traficâncias”. O sentido também remete ao ato de corrigir, de reformar. Daí a intenção do jornalista de mostrar que os ex-presidentes pretendem “mudar” a história, “manipulá-la”.

Por meio dessa abordagem, a metáfora pode ser estudada nas aulas de análise linguística segundo a perspectiva de metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (2002). O conceito de metáfora conceptual é subjacente a expressões linguísticas metafóricas que se manifestam na linguagem cotidiana. Nessa visão, a metáfora conceptual se contrapõe à figura de linguagem, que se relaciona à linguagem literária. Aqui, as expressões metafóricas são tidas como metáforas da vida cotidiana. Isso fará com que os alunos compreendam melhor como “todos os tipos de metáfora necessariamente realçam ou encobrem certos aspectos do que se representa” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 241) e como atuam na construção de sentido de gêneros jornalísticos, em especial, a reportagem.

Além disso, a análise linguística contribuirá para os seguintes objetivos: a) interpretação crítica de aspectos discursivos e b) compreensão dos propósitos sociodiscursivos que orientam o uso do gênero. Ao lerem e analisarem metáforas e conexões intertextuais, os alunos poderão também perceber os propósitos sociodiscursivos e os posicionamentos políticos legitimados na construção da narrativa das reportagens. Perceberão que as revistas assumem posicionamentos políticos diferentes e, para defendê-los, usam estratégias linguísticas para influenciar/formar posicionamentos a favor de partidos políticos específicos.

A análise dos propósitos sociodiscursivos que orientam o uso do gênero também pode incluir a análise do conteúdo temático e da narrativização. Em ano de eleições, as revistas semanais de informação farão escolhas temáticas que ainda mais realçarão a defesa de seus interesses políticos. Além de analisar reportagens específicas, os alunos podem mapear o conteúdo temático das reportagens da edição de cada revista. Isso fará com que eles atinjam o próximo objetivo: a compreensão do modo como o gênero constitui discursivamente a revista semanal de informação e também as práticas sociais.

CartaCapital constrói uma narrativa em oposição a um partido político (PSDB), o que implica também a defesa de seu posicionamento político-partidário. O mesmo faz a revista *Veja* que, ao se opor ao partido PT, defende outros interesses políticos. Na prática didática, é relevante que o aluno consiga notar como as escolhas temáticas e a narrativização são usadas para constituir discursivamente o gênero e a revista. O mapeamento do conteúdo temático das reportagens que constituem a revista fará com que os alunos percebam que o conteúdo político tem grande relevância nessas revistas. Já a narrativização, segundo Thompson (2002), é uma estratégia de legitimação de ideologias, na qual o passado é narrado a fim de legitimar o presente ou futuro. Tanto a reportagem de *CartaCapital* como a de *Veja* fazem menção ao passado para legitimar as debilidades dos partidos políticos aos quais as revistas se opõem.

Para possibilitar aos alunos outras análises, trabalhar com revistas semanais de informação que são constituídas de modo distinto em certos aspectos também pode ampliar a capacidade de análise crítica e de consciência linguística crítica. É possível incluir na análise reportagens da revista *Época*, por exemplo, para promover a compreensão de que, além de servir a projetos políticos, o gênero reportagem também pode servir a propósitos sociodiscursivos referentes à indústria de entretenimento e de utilidades. Isso pode ser observado na reportagem “O Netflix pirata” a seguir:

Figura 3: Reportagem da revista *Época*



Fonte: *Época*, n. 831, p. 82-84

A reportagem também utiliza construções intertextuais, metafóricas e a narrativização. A análise desses elementos pode contribuir para a compreensão de que os mesmos componentes discursivos podem ser articulados a fim de favorecer a indústria de entretenimento e de utilidades. Nessa reportagem, é possível analisar também a narrativa em 1ª pessoa. Essa escolha reflete os propósitos sociodiscursivos da reportagem ao se dirigir a um público diferente do público ao qual se dirigem reportagens com conteúdo político-partidário. A leitura e análise também podem suscitar discussões sobre questões como pirataria, direitos autorais e a ideia de democratização da informação.

Nesse sentido, os alunos poderão compreender que “a revista semanal de informação assume

declaradamente o papel de formadora de opinião” (VILAS BOAS, 1996, p. 34). Mais do que isso, constroem narrativas que beneficiam seus interesses particulares, geralmente atrelados a interesses de instituições sociais e/ou políticas, contribuindo para a legitimação de posicionamentos ideológicos em favor de projetos de dominação. E, com isso, contribuir para o último objetivo levantado neste trabalho: o engajamento dos alunos em processos sociais e discursivos efetivos. Isso porque os alunos não só serão capazes de desvelar ideologias legitimadas a partir do gênero reportagem, mas também poderão ser capazes de resistir a formas de manipulação sustentadas em suas práticas sociais por meio da linguagem.

Conclusão

O uso didático de gêneros textuais com base na perspectiva discursiva crítica oportuniza um ensino condizente com as práticas sociais dos alunos e a compreensão do funcionamento das relações sociais em contextos sociodiscursivos específicos. Nesse sentido, o uso do gênero reportagem constitui uma importante estratégia para as práticas didáticas, já que o discurso jornalístico é um dos principais constituintes da vida social. A análise crítica de variados gêneros, em especial o gênero reportagem, fornece subsídios teórico-metodológicos importantes para as práticas de análise linguística e leitura crítica que contribuam para o desenvolvimento de consciência linguística crítica em suas práticas sociais.

Referências Bibliográficas

- 1] BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2006.
- 2] BONINI, A. Análise crítica de gêneros jornalísticos. 2012. SBJor. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, nov. 2012. Disponível em:
<<http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/viewFile/1776/292>
- 3] FAIRCLOUGH, N. *Analyzing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.
- 4] _____. *Discurso e mudança social*. Coord. trad. revisão e prefácio à ed. brasileira I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- 5] HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional Grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.
- 6] LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- 7] LIMA, S. C. *Hipergênero: agrupamento ordenado de gêneros na constituição de um macroenunciado*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- 8] MILLER, C. Gênero como ação social. In: *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: UFPE, 2009. p. 21-41.
- 9] MOTTA-ROTH, D. Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.

- 10] _____; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 10, n. 3, p. 511-538, 2010.
- 11] RAMALHO, V. Ensino de Língua materna e Análise de Discurso Crítica. *Bakhtiniana*, São Paulo, 7 (1): 178-198, Jan./Jun. 2012. p. 178-198.
- 12] RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.
- 13] RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise do Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- 14] SILVA, D.; RAMALHO, V. Reflexões sobre uma abordagem crítica dos gêneros discursivos. *Revista Latinoamericana de Estudos do Discurso*, v. 8, n. 1, p. 14-39, 2008.
- 15] SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. New York: Cambridge University Press, 1990.
- 16] THOMPSON, J. B. *O escândalo político: poder e visibilidade na era da mídia*. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- 17] VILAS BOAS, S. *O estilo magazine*. São Paulo: Summus, 1996.

ⁱ **Amanda Oliveira RECHETNICOU, Mestranda** do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: amanda_yea@hotmail.com

ⁱⁱ **Sostenes LIMA, Prof. Doutor** do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (UEG), com apoio da Bolsa de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP/UEG). E-mail: limasostenes@gmail.com